



V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

MÚSICA E IDEOLOGIA NO REGIME NAZISTA (1933 – 1945)

AUTOR PRINCIPAL: Edemilson Antônio Brambilla

CO-AUTORES:

ORIENTADOR: Gerson Luís Trombetta

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO

Enquanto diversos países experimentavam conturbados anos de instabilidade política e social durante as primeiras décadas do século XX, o papel assumido por algumas manifestações artísticas, como a música, foi de grande importância na propagação ideológica de regimes autoritários vigentes no período. A Alemanha, por exemplo, durante os anos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), atribuiu à música e às demais artes o papel de restaurar o orgulho e identidade alemã perdida após a derrota na Primeira Guerra. Desse modo, este trabalho busca tecer considerações a respeito da música e seu uso político pelo aparato propagandístico nazista, e, mais especificamente, compreender como determinadas características sonoras, oriundas da música tida pelo Nacional-Socialismo como sendo “oficial”, assemelhava-se ao projeto político defendido pelos nazistas, em detrimento de uma música cujas características eram consideradas “degeneradas”, e em pleno desacordo com os ideais do partido.

DESENVOLVIMENTO:

Ao elencar “Os dez princípios para a criação da música alemã”, em um discurso proferido durante uma das “Jornadas musicais do Reich”, em Düsseldorf, no ano de 1938, o ministro da propaganda Joseph Goebbels afirmou: às vezes, a linguagem dos sons musicais é mais eficaz do que a das palavras. Por isso, os grandes mestres do passado são a verdadeira majestade do nosso povo, merecedores de reverência e respeito (TOMÁS, 2016, p. 82). Os artistas mencionados por Goebbels, foram



V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



responsáveis, segundo os nazistas, pelo passado glorioso vivenciado na Alemanha durante os séculos anteriores, e que deveriam ser comemorados.

Destacavam-se nesse período, o heroísmo mítico e o nacionalismo presentes nas óperas de Richard Wagner, bem como as criações musicais de compositores como Mozart, Bach e Beethoven, diretamente preocupados com uma identidade genuinamente alemã. Quanto ao aspecto sonoro dessas composições, a marcação insistente de um centro tonal, a incorporação de elementos culturais germânicos, e a ausência de dissonâncias, fizeram com que as músicas destes compositores fossem vistas pelo governo nazista, como motivo de admiração e reverência pela sociedade germânica.

Ao comentar sobre a importância da música tonal para regimes autoritários como o nazismo, Contier (1988, p. 112) aponta que, para muitos compositores, o sistema tonal associou-se à chamada “estética da repetição”. Em sua essência, essa estética era o símbolo da beleza. Ligava-se a um eterno retorno, sempre voltando ao ponto inicial, tendo como ponto nodal uma tonalidade básica, reflexo de uma concepção periódica e fechada de tempo, própria de uma ideologia conservadora de uma determinada sociedade, cujas estruturas políticas e sociais eram pensadas dentro de limites cronológicos particulares, e centradas em uma liderança específica, o que, no pensamento político nazista, por exemplo, estaria representada em Adolf Hitler.

Negando qualquer inovação técnico-estética diferente desta, por acreditar que o povo estaria se aproximando de tradições culturais incompatíveis com a superioridade alemã, o Nacional-Socialismo buscou fazer frente a qualquer manifestação que contestasse seu posicionamento ideológico. As duras críticas, e a afronta direta à música moderna, como o jazz e o dodecafonismo – cujos principais compositores são Schoenberg, Webern e Berg –, carregavam consigo, não somente a representação de uma raça inferior, mas também, de um pensamento musical que, ao contrário do tonalismo, instauraria em seus ouvintes a “desordem” e o “caos” de uma sociedade em decadência, incompatível com o projeto nazista de uma “nova Alemanha”, unificada e progressista. Isso estaria retratado, nestas composições, principalmente através do uso exacerbado de dissonâncias, e na igualdade hierárquica presente entre as notas de uma sequência melódica, características da música dodecafônica; e da livre improvisação presente no jazz, o que implicaria em uma sociedade sem liderança, desunida e estável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ainda que, conforme Potter (2015), a busca por uma identidade musical genuinamente alemã tenha encontrado grandes dificuldades, a música assumiu um importante papel na difusão da ideologia nazista, através de seus mais diversos usos, não se limitando somente às representações heroicas e míticas presentes nas óperas, mas também, atentando para as características sonoras de tais composições.



V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



REFERÊNCIAS

CONTIER, A. D. Arte e Estado: música e poder na Alemanha dos anos 30. Revista Brasileira de História, v. 8, n. 15, p. 107-122, set. 1987-fev.1988.

POTTER, P. M. A mais alemã das artes: musicologia e sociedade da República de Weimar ao fim da era nazista. São Paulo: Perspectiva, 2015. 528p.

TOMÁS, L. Música em tempos sombrios: apontamentos sobre a estética musical no III Reich. Per Musi. Belo Horizonte: UFMG, n.35, p.79-99.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa):

ANEXOS